

A NEUROSE À LUZ DA GESTALT-TERAPIA: UMA REFLEXÃO SOBRE O AJUSTAMENTO (DIS) FUNCIONAL DO HOMEM

THE NEUROSIS IN THE LIGHT OF GESTALT THERAPY: A REFLECTION ON THE (DYS)
FUNCTIONAL ADJUSTMENT OF MAN

ANA PAULA FARIA **SANCHEZ**^{1*}, FRANCIELE CABRAL LEÃO-**MACHADO**²

1. Acadêmica do curso de graduação em Psicologia da UNINGÁ - Centro Universitário Ingá; 2. Psicóloga, Mestre em psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, docente do curso de graduação em Psicologia da UNINGÁ - Centro Universitário Ingá.

*Rua: Alcides Fernandes, 35, Jardim América, Maringá, Paraná, Brasil. CEP: 87045-460. paulinhafs2006@gmail.com

Recebido em 22/09/2016. Aceito para publicação em 16/11/2016

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo a aquisição e consolidação de conhecimento sobre a neurose, embasado na perspectiva Gestáltica, na qual o indivíduo é compreendido como uma função do campo/organismo/meio. Além disso, buscou-se contribuir com a ampliação dos conceitos de saúde e doença sob esta perspectiva, contribuindo com o aperfeiçoamento do psicoterapeuta que embasa sua cosmovisão na Gestalt-Terapia. Do ponto de vista da Gestalt-terapia, a neurose é um modo de viver, repetitivo, inflexível, resultante da obstrução do processo de autorregulação, que se forma com a insatisfação de necessidades emergentes, formando situações inacabadas. Trata-se de um estudo de revisão dissertativo, embasado em diversos autores.

PALAVRAS-CHAVE: Neurose, Gestalt-terapia, saúde-doença.

ABSTRACT

The study aimed to the acquisition and consolidation of knowledge about neurosis, based on Gestalt perspective, in which the individual is understood as a function of field/organism/environment. According to Gestalt therapy, neurosis is a way of living, repetitive, inflexible, resulting from obstruction of the self-regulation process, which is formed by the dissatisfaction of emerging needs, forming unfinished situations. This paper refers to a study dissertation review, based on several authors.

KEYWORDS: Neurosis, Gestalt-therapy, health-disease.

1. INTRODUÇÃO

Desde o início deste trabalho, consideramos importante ressaltar o principal objetivo de sua realização: A contribuição com os estudos em Gestalt-Terapia e o incremento na realização de pesquisas que possam discernir seus pressupostos filosóficos, sistematizar sua teoria,

aprofundar sua prática e, conseqüentemente, ampliar os conceitos de saúde e doença sob esta perspectiva.

A Gestalt-terapia apresenta em seu corpo teórico-prático, um grande número de formulações basais, como o contato, a totalidade, entre outros. Todavia, o presente trabalho tomou como foco, as acepções feitas pela abordagem da Gestalt-terapia à neurose, a tônica dada por Perls aos modos de existir assumidos pelos sujeitos, os ajustamentos neuróticos e sua caracterização.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia do presente artigo está fundamentada em pesquisa de revisão bibliográfica, uma vez que esta permite ao pesquisador uma ampla cobertura de conteúdos, e oferece meios quantitativos e qualitativos para a apresentação de dados a serem apresentados em relação à problemática.

De acordo com Gil (2008)¹⁷, a pesquisa bibliográfica é construída a partir de material já existente, como livros e artigos científicos, ou seja, se utiliza fundamentalmente das contribuições de diversos autores sobre determinado assunto.

Nesta pesquisa, foram consideradas fontes de investigação: livros, artigos, revistas, sites entre outros materiais pertinentes à problemática. Para a busca, utilizou-se como guia principal as palavras: neurose, saúde e doença e Gestalt-terapia.

3. RESULTADOS

Os fundamentos epistemológicos da Gestalt-terapia

De acordo com Ginger e Ginger (1995)¹, Gestalt é uma palavra alemã, adotada no mundo inteiro, pois não há equivalente em outras línguas. Gestalten denota dar forma, dar uma estrutura significativa.

A palavra “Gestalt” tem o significado de uma entidade concreta, individual e característica, que existe como algo destacado e que tem uma forma ou configuração como um de seus atributos².

Já o sentido da terapia, diverge da concepção adotada pela maioria das pessoas, que concebem a terapia ligada à definição de dicionários, associando-a a ações e práticas que visam à cura ou o tratamento de uma doença.

Baseando-se em Ginger e Ginger (1995)¹, a Gestalt-terapia foi elaborada, sobretudo, a partir das instituições de Fritz Perls, psicanalista judeu de origem alemã que imigrou aos 53 anos para os Estados Unidos. A Gestalt-Terapia tem seus pressupostos fundamentados através de diversas influências filosóficas. Como teorias de base, repousa no conjunto das premissas da Psicologia da Gestalt, teoria de campo, teoria holística; como filosofias de base percebe-se uma envergadura humanista, com ênfase na fenomenologia e na filosofia do existencialismo. Além disso, evidencia os antecedentes pessoais mais importantes, nos quais se destacam a psicanálise (a destacar além da figura de Freud, a forte influência de Reich) e as filosofias orientais (em especial a Zen-Budismo e Taoísmo)³.

Com o objetivo de contribuir com a compreensão dos pressupostos da Gestalt-Terapia, apresentaremos brevemente os conceitos principais das influências filosóficas que a fundamentam.

Sob a ótica filosófica humanista, Deus deixa de ser o princípio regulador; o homem recupera sua origem, sua natureza, antes reprimidas pelos paradigmas da religião. Compreende o homem como sendo aberto à plenitude de ser ele mesmo, sem limites impostos do meio externo, sujeito de uma consciência autônoma e singular⁴.

Abbagnano (2000)⁵ descreve quatro princípios acerca da visão humanista de pessoa:

- 1) Reconhecimento da totalidade do ser humano como ser formado de alma e corpo destinado a viver no mundo e a domina-lo; 2) Reconhecimento da historicidade do ser humano, de seus vínculos com o passado e, por outro lado, para uni-los a esse passado; e, também, serve para distingui-los dele; 3) Reconhecimento do valor humano das letras clássicas. É por este aspecto que o humanismo tem esse nome; 4) Reconhecimento da natureza do ser humano, para quem o reconhecimento da natureza é um elemento essencial da vida e do sucesso⁵.

A fenomenologia é a segunda influência filosófica da Gestalt-terapia, na qual, de acordo com Davidoff (2001)⁶, “as pessoas vêem o mundo de sua própria e única perspectiva”.

Ribeiro (2011)³ descreve três momentos que compõem o tripé fundamental da fenomenologia: 1) Retorno às coisas mesmas: voltar-se às coisas tais como apare-

cem, antes de qualquer alteração ou deformação; 2) Redução fenomenológica: mostrar a necessidade de um elemento puro que possa servir de ponto de partida para um pensamento radical; 3) Intencionalidade: é o ato de atribuir um sentido, é ela que unifica consciência e objeto, sujeito e mundo.

Por fim, o existencialismo é a terceira corrente de influência para a Gestalt-terapia. Na qual Ribeiro (1985)⁷, afirma que a pessoa é considerada em ação, com seus sentimentos concretos, suas angústias, ou seja, a pessoa apresentada aqui, é algo concreto, real, existente, no aqui-agora. Tanto para o existencialismo, como para a Gestalt-terapia, o homem é visto como um ser singular, um ser de vontade e liberdade pessoais, consciente e responsável.

A partir dessas referências, a Gestalt-terapia se constituiu como a psicologia do todo. Perls (1988)⁸ afirma que “a principal ideia da Gestalt-terapia é a de que uma “Gestalt” é um todo, um completo em si”. O autor ainda assinala que o homem é um ser capaz de se auto-regular-se. O tempo todo o indivíduo busca o equilíbrio que o mantenha em harmonia com o seu ambiente, compreendendo-o como um organismo unificado, não admitindo a divisão entre mente e corpo. Reconhece que os pensamentos e ações são feitos da mesma matéria, sendo as ações físicas inter-relacionadas às ações mentais. Isto é, mente/corpo/espírito formam o ser total. Tais “partes” são capazes de afetar o todo, bem como o “todo” afeta as partes.

Portanto, de acordo com D’Acri *et al* (2012)⁹, esta perspectiva global, tem em vista a manutenção e desenvolvimento do bem-estar harmonioso, e não a cura, ou reparação de qualquer distúrbio, subentendido como referência à um estado de “normalidade”, contrariamente à ideia da Gestalt-terapia, que valoriza o direito à diferença, a singularidade de cada ser.

Neurose: em busca de suas definições e contextualização

A partir da eleição da Gestalt-terapia como visão de mundo que orienta este estudo, buscamos compreender a neurose a partir deste viés, articulando de maneira breve com as demais abordagens da psicologia. Esta articulação se mostrou relevante, pois condiz com os objetivos de discernir os pressupostos da psicologia da Gestalt-terapia, de aprofundar sua prática no âmbito clínico e de ampliar os conceitos de saúde e doença. Para tanto, esta sessão se compromete com a retomada do contexto histórico em que a ciência se debruça sobre o estudo da neurose.

Em função de a psiquiatria estar engendrada no contexto de constituição do saber psicológico, consideramos importante traçar um breve histórico, a fim de contextualizar o momento em que a neurose foi sendo construída enquanto doença e objeto de estudos da psiquiatria e

psicologia.

Para Capra (1982)¹⁰, o século XIX representou grande ascensão de tecnologia médica, como a criação de novos instrumentos diagnósticos. Nesse contexto, muitas patologias foram diagnosticadas e denominadas de acordo com um sistema classificatório, assim como em outras especialidades médicas, os diagnósticos das “perturbações mentais” constituíram o campo de saber da psiquiatria.

Do ponto de vista do autor, a atenção psiquiátrica tinha como foco a descoberta de causas orgânicas em relação aos processos mentais. De modo geral, a ideia orgânica teve resultados positivos em alguns casos de perturbação mental. No entanto, esses restritos êxitos estabeleceram uma psiquiatria fundamentada nos paradigmas do modelo biomédico (1) e conseguinte inspiração de uma linha de pensamento alternativo – a psicologia.

Segundo Capra (1982)¹⁰, assim como a medicina, a psicologia pautou-se, a priori, no modelo biomédico, colocando-se nas esteiras cartesianas, adotou os paradigmas embasados nos conceitos de homem enquanto máquina, dividindo o humano em partes: o corpo e a mente, dificultando simultaneamente a compreensão quanto a relação entre essas duas polaridades do indivíduo. Em contrapartida, foram constituídas novas correntes de pensamentos psicológicos, os psicólogos pós-cartesianos adotaram métodos para o estudo da psique humana, isto é, a busca da compreensão da natureza humana. Assim são criadas as duas principais escolas de psicologia: Estruturalista e o Behaviorismo, tendo como modelo, a concepção newtoniana.

A psicologia moderna no século XIX avança em termos científicos, entre funções mentais e estruturas cerebrais, estudadas por neurocientistas, firmando a orientação newtoniana (2) na psicologia. Além disso, neste mesmo período, surge o campo da reflexologia – a relação causal entre estímulo e resposta.

Os psicólogos experimentais ortodoxos do século XIX eram dualistas, e tentaram estabelecer uma clara distinção entre a mente e a matéria. Paradoxalmente, opondo-se às teorias reducionistas e materialistas dos

fenômenos psicológicos - que assumiam a natureza unitária da consciência e percepção - criaram duas influentes escolas de abordagem holística: o gestaltismo e o funcionalismo.

A psicologia gestaltista fundada por Max Wertheimer e colaboradores, baseou-se nos pressupostos de que os organismos vivos não percebem as coisas em termos de elementos isolados, mas em termos de Gestalten, ou seja, de totalidades significativas que exibem qualidades ausentes em cada uma de suas partes individuais.

O desenvolvimento do funcionalismo foi uma consequência do pensamento evolucionista do século XIX, que estabeleceu uma importante ligação entre estrutura e função. Para Darwin, cada estrutura anatômica era um componente funcional de um organismo vivo integrado, empenhado na luta evolucionista pela sobrevivência¹⁰.

No século XX, a psicologia integra-se a outros campos do saber, como a educação, a assistência à saúde, o âmbito organizacional, e outras áreas afins. Durante as primeiras décadas do século, duas escolas com o mesmo modelo newtoniano, porém com diferentes métodos e concepções da consciência - Behaviorismo e a Psicanálise - dominam o pensamento psicológico.

O Behaviorismo representa a abordagem mecanicista no âmbito psicológico, na qual a alma inexistente, isto é, uma psicologia sem consciência, pela qual o comportamento é relacionado à sequência de respostas condicionadas. Para Capra (1982)¹⁰, “os fenômenos mentais foram reduzidos a tipos de comportamento, e o comportamento a processos fisiológicos”. Dessa forma, se inaugura o campo da psicologia animal experimental, o condicionamento.

Como resultado desse conceito estímulo-resposta, se evidencia a tendência de tomar como primazia, o meio externo como possível determinante de fenômenos psicológicos, desconsiderando o organismo.

Em termos de sintomas psiquiátricos, de acordo com Capra (1982)¹⁰, estes eram considerados “casos isolados de comportamento aprendido de forma desajustada, a ser corrigido por técnicas de condicionamento”.

Já a psicanálise, não se constituiu a partir da psicologia, mas do âmbito psiquiátrico, no período em que o exercício da psiquiatria estava voltado para o modelo biomédico, e consideravam as causas orgânicas a todas as perturbações mentais. Entretanto, a psicanálise inaugura a compreensão de que diversos casos de perturbações mentais, como a neurose, não tinham relação apenas com fatores orgânicos, suscitando a necessidade de explicar as psicopatologias a partir de origens de ordem mental.

Um dos marcos desse avanço é representado pelo uso da hipnose para tratamento da histeria. Em termos psi-

1 Segundo Descartes, mente e corpo pertenciam a dois domínios paralelos, mas fundamentalmente diferentes, cada um dos quais podia ser estudado sem referência ao outro. O corpo era governado por leis mecânicas, mas a mente — ou alma — era livre e imortal¹⁰.

2 A orientação newtoniana refere-se à metáfora do mundo como máquina, governado por leis matemáticas exatas. As consequências adversas dessa falácia reducionista tornam-se evidentes na área da medicina, física e também no âmbito psicológico, pois, embasados no paradigma mecanicista, assumiram o homem como máquina¹⁰.

canalíticos, a histeria, de acordo com Capra (1982)¹⁰ é uma psicose – ou neurose – marcada por excitabilidade emocional e perturbações de várias funções psicológicas e fisiológicas”. Posteriormente, este método seria substituído pelo método de associação livre de Freud e Breuer.

De acordo com Capra (1982)¹⁰, Freud iniciou sozinho a exploração da mente humana, contribuindo com diversas descobertas significativas para a ciência, como o inconsciente e sua dinâmica.

A teoria de Freud resultou numa abordagem dinâmica da psiquiatria voltada para o estudo das forças que levam aos distúrbios psicológicos e levam a mente e enfatizou a importância das experiências da infância no desenvolvimento do indivíduo¹⁰.

O psicanalista é compreendido como um escavador e observador das entranhas psíquicas, bem como um cirurgião, evidenciando-se a concepção espacial e mecanicista da mente. Ou seja, os mecanismos da mente são impulsionados por forças semelhantes às da mecânica clássica¹⁰.

A premissa essencial da psicanálise é o inconsciente, levando em conta os impulsos instintivos que buscam sua descarga, e as diversas forças que as inibem e as distorcem. Nesta perspectiva, as causas da neurose se originariam em situações que, devido às circunstâncias, as energias emocionais geradas pelos incidentes eram reprimidas. Dessa forma, essa energia continuaria em busca de um meio de descarga, até ser convertida em vias neuróticas. Posteriormente, Freud assumiu como fonte das neuroses as tendências instintivas, sexuais, que ao serem reprimidas tornavam-se sintomas neuróticos.

Pode-se evidenciar que, no transcurso da história, em busca da causa primordial do universo, houve uma hegemonia do pensamento reducionista mecanicista, por meio do qual todos os fenômenos poderiam ser descritos em termos de quantidades mensuráveis da matéria. Esta forma de compreensão cartesiana influenciou a forma de compreensão da ciência moderna no que diz respeito à neurose. A principal influência do modelo cartesiano na compreensão da neurose é sua dicotomização do organismo em mente e corpo, opondo-se à proposta holística da Gestal-Terapia.

De acordo com Sauri (2005)¹¹, Descartes? Freud? Cullen?, o médico aspirante a alcançar as ideias claras, buscou conhecer a ordem natural que supunha adoececer. Para o homem racional, atento ao funcionamento da *res extensa*, a ordem era uma distribuição natural hierárquica objetivável graças à observação e à análise utilizando o paradigma newtoniano para explicar o movimento.

O autor pontua que, a utilização da razão permitia averiguar as disposições hierárquicas do natural e alcançar um conhecimento preciso. E, essa compreensão, de

como se dispunham as partes da natureza e alcançar um conhecimento preciso, respaldado pelo entrelaçado de registros e exploração clínica, sustentou e favoreceu o desenvolvimento de um novo campo epistemológico: a nosologia.

Dentro deste contexto, surge a figura de Willian Cullen que “afirmava que a histeria, a hipocondria e todas as afecções do corpo humano de certas características podem se chamar de nervosas, propondo agrupá-las sob o nome de neurose¹¹.”

Sauri (2005)¹¹ pontua que, a pretensão de Cullen, com a criação do termo “neurose” era a de circunscrever a desmedida expansão da ideia de enfermidade nervosa, buscando diferenciar e ordenar o pouco e dificilmente definido.

Baseando-se em Pereira (2010)¹², para Willian Cullen a neurose representava uma desordem dos sentidos e movimentos, causadas por efeitos gerais do sistema nervoso. O termo “neuroses”, empregado no plural, não se referia a uma espécie nosológica, mas a uma classe de doenças, das quais se manifestavam como enfermidades nervosas não decorrentes de lesão localizada ou de patologia febril. Essa concepção era organizada a partir de quatro ordens específicas:

- 1) os comas (ou perda dos movimentos voluntários, como na apoplexia); 2) as adinamias (doenças constituídas pelo enfraquecimento ou perda dos movimentos nas funções vitais ou naturais, incluindo assim a síncope, a dispepsia e a hipocondria); 3) as afecções espasmódicas sem febre, como o tétano, a epilepsia, a asma e a histeria e 4) as vesânicas, como a mania (loucura) e a melancolia¹².

O mesmo autor pontua que, a concepção de neurose foi progressivamente se constituindo e abarcando novos pensamentos. Conquanto, a expansão do termo decorreu, sobretudo, das contribuições das teorias de Sigmund Freud.

Os estudos de Freud categorizavam os transtornos emocionais em três grupos¹³: o primeiro, denominado *neuroses atuais* (transtornos emocionais resultantes da ausência ou inadequação da satisfação sexual); o segundo grupo é constituído pelas *neuroses de transferência*, conhecidas também como *psicose neuroses de defesa* (fobias, histerias e as obsessivas); as *neuroses narcisistas* compõem o terceiro grupo (atuais quadros psicóticos).

Uma questão de ajustamento: a neurose sob a perspectiva da Gestal-terapia

Para Ribeiro (2011)¹¹ jamais poderemos expressar uma totalidade real na definição do conceito de ser humano, pois as pessoas alteram os papéis. Isto é, não podemos criar uma noção de pessoa para enquadrá-las em uma estrutura psíquica. Ao definir as pessoas elas se

tornam retidas num modelo de ser, sem possibilidades de deixá-lo.

Do ponto de vista da Gestalt-terapia, pode-se compreender, que não há uma concepção cristalizada de pessoa, a “definição” de pessoa que a Gestalt-terapia assume, é sua indeterminação, ou seja, o ser humano é livre, um ser de relação e em constante relação, um ser de possibilidades, consciente de si e do outro. Tal qual, jamais permanece numa forma estática de ser. Em outras palavras, a pessoa não pode “ser” algo, engessado, enquanto ela “está” em permanente movimento. Além disso, não podemos entender o homem senão em sua totalidade, como um todo.

Ser pessoa é estar, embora de maneiras diferenciadas, em relação com todos os seres, formando uma totalidade de relações com todos os seres, formando uma totalidade de relações, de onde nasce o sentido de ser-pessoa-no-mundo. A pessoa é, essencialmente, um ser de relação e estar em relação é estar conjugada, em inter e intramovimento com todos os outros seres, formando um campo de relações humano-mundano³.

Para Rodrigues (2011)³, o homem é um ser-no-mundo, não vive de forma passiva, ao contrário, ele influencia e é influenciado pelo mundo, em uma relação recíproca. A pessoa não pode ser concebida isoladamente; enquanto vive permanentemente em um contexto onde há um conjunto de forças atuantes que o atingem como um todo. É com base nessa concepção de que se articula, em termos gestálticos, o binômio saúde/doença.

Miranda (2010)¹⁴ pontua que dentro de uma perspectiva filosófica que tem por base a fenomenologia e o existencialismo, os conceitos de saúde e doença são compreendidos como etapas de um mesmo processo, partes diferentes de um mesmo todo. Não existe uma estrutura de psicopatologia, visto que, a fenomenologia, não pretende enquadrar o indivíduo em uma categoria previamente estabelecida, pois o indivíduo é compreendido como sendo seu próprio referencial. “Saúde e doença, numa perspectiva fenomenológica-existencial, são vistas como uma condição de flexibilidade e rigidez, respectivamente”¹⁴.

Perls (1988)¹⁵ denomina este processo, pelo qual o organismo (3) mantém o equilíbrio e, conseqüentemente sua saúde, de Homeostase.

De acordo com D’Acri *et al* (2012)⁹, a homeostase envolve todos os tipos de necessidades: fisiológicas, psicológicas, sociais, entre outras. Isto é, podemos considerar a homeostase como processo de autorregulação, no qual o organismo encontra meios de desenvolver-se.

³ Chamamos organismo qualquer ser vivo que possua órgãos, que tenha uma organização e que se auto-regule. Um organismo não é independente do ambiente¹⁵.

Este mecanismo é tão importante que a qualidade de equilíbrio/desequilíbrio homeostático está relacionada ao de saúde/doença do organismo.

Perls *apud* D’Acri (2012)⁹, explica que o desequilíbrio organísmico, é uma situação inacabada que força o organismo a se tornar criativo, no ensejo de retomar o equilíbrio.

O mesmo autor pontua que, no ajustamento saudável (4), a criatividade pode ser entendida como posse pelo indivíduo da aptidão de se orientar pelas novas exigências das circunstâncias, permitindo uma ação transformadora. Nesta mesma perspectiva, distúrbios e interrupções do processo vital podem ter ocorrido a fim de sobreviver e preservar seu desenvolvimento. Apesar disso, os ajustamentos podem se cristalizar assumindo formas crônicas, ou seja, formas alienadas das condições atuais. Neste caso, a Gestalt perde sua função saudável; o indivíduo não é capaz de satisfazer suas necessidades, permanecendo num estado de desequilíbrio.

Frazão e Fukumitsu (2014)¹⁶, afirmam que, a insatisfação da necessidade emergente resulta na impossibilidade de fechamento da Gestalt, caracterizando uma situação inacabada, gerando conseqüentemente uma suspensão no processo evolutivo.

Essas obstruções acarretam um empobrecimento do viver; comparecem como sentimentos de aprisionamento no passado, como insatisfações e vazios no presente e perda de horizontes, sentidos e esperança, ou seja, de devir¹⁶.

Os mesmos autores pontuam que este modo de viver repetitivo, inflexível, resultante da obstrução no processo de autorregulação, é compreendido pela Gestalt-terapia como experiência neurótica.

Perls (1977)¹⁵ descreve a neurose como algo que surge devido à obstrução dos processos contínuos, no qual o indivíduo se sobrecarrega com diversas situações incompletas, de tal forma que não consegue prosseguir satisfatoriamente com o processo de viver. Assim, o autor aponta cinco camadas da neurose:

- 1) Camada de desempenho de papéis, ou camada postíca, na qual o indivíduo desempenha seus papéis de forma repetitiva. Nesta camada, a pessoa vive de aparência daquilo que não é; 2) Camada fóbica, na qual evitamos o sofrimento e a frustração. Nesta camada evidencia uma resistência a sermos quem somos, devido às introjeções de quem deveríamos ser; 3) esta camada se caracteriza pelo impasse de não podermos mais

⁴ Pode-se descrever o ajustamento criativo como o processo pelo qual a pessoa mantém sua sobrevivência e seu crescimento, operando seu meio sem cessar ativa e responsavelmente, provendo seu próprio desenvolvimento e suas necessidades físicas e psicossociais⁹.

aceitar o que fomos, no entanto, fantasiávamos não podermos ser quem estamos descobrindo ser; só transcendemos este impasse na medida em que discriminamos, formando assim, a próxima camada; 4) Camada Implosiva, na qual se concentra a energia que não permite que nossa excitação alcance nossos sentidos, visto que, localiza-se na inversão do afeto que tomamos como se fosse nosso; por fim, a última camada, denominada camada explosiva, considerada importante à apropriação de nossa autenticidade; refere-se às energias mantidas na camada anterior, nos introjetos¹⁵.

Em outras palavras, o ser neurótico refere-se ao homem que, em busca de seu equilíbrio, se afasta demasiadamente de si mesmo, permitindo desse modo, que a sociedade assuma grande influência, subjugando-o com suas exigências, concomitantemente, separando-o do convívio social. O indivíduo em estado de neurose é incapaz de distinguir adequadamente entre si e o resto do mundo e a sociedade ocupa uma dimensão maior que sua vida e a si mesmo.

4. CONCLUSÃO

A Gestalt-terapia se desenvolveu a partir de uma miríade de influências e bases teórico-filosóficas, constituindo, assim, em seu cerne uma visão holística, na qual compreende o homem como ser que está, reiteradamente, se constituindo, em constante mudança. Tem uma visão de mundo que privilegia a relação e não os objetos, o processo em detrimento ao conteúdo.

Uma das premissas centrais da Gestalt-terapia, é a de que o organismo e o meio constituem partes de um mesmo todo, influenciando um ao outro em constante relação de mutualidade. Neste sentido, a Gestalt-terapia acredita que todo e qualquer comportamento se deve a relação campo-organismo-meio. Nesta perspectiva, a relação de conflito existente entre o organismo/meio compreende o determinante da neurose. Ou seja, os mecanismos neuróticos são constituídos em um processo de interação e contato indivíduo/meio. Surgem em decorrência da obstrução do processo de contato, isto é, da incapacidade do indivíduo de encontrar e manter o equilíbrio adequado entre ele e o mundo.

Os comportamentos neuróticos podem ser considerados ajustamentos criativos, pelos quais o indivíduo busca satisfazer suas necessidades emergentes, ou seja, a busca de autorregulação do organismo. Neste sentido, a neurose constitui as tentativas do indivíduo para evitar o conflito e recuperar o equilíbrio da relação com o meio. Em contrapartida, o ajustamento funcional – criativo – pode tornar-se cristalizado, assumindo um caráter disfuncional, ou seja, obstruir o ciclo de autorregulação, tornando o indivíduo incapaz de satisfazer suas necessi-

dades e colocando-o em estado de desequilíbrio.

Diante dos pressupostos da Gestalt-terapia, na qual a visão de homem e de mundo fortificada pelo humanismo-existencial, transcende o paradigma do determinismo, pelo qual, ratificam o normal e o patológico, foi possível evidenciar que este saber, enxerga o indivíduo em sua singularidade. Não busca ou estabelece uma causa única em relação ao comportamento neurótico. Além disso, a visão holística permite que a pessoa desenvolva um autoconhecimento não fragmentado, aproximando-se de seu modo de ser autêntico. Essas concepções podem contribuir com o aperfeiçoamento do psicoterapeuta que embasa sua cosmovisão na Gestalt-Terapia, bem como auxiliar no manejo e prática da psicoterapia.

REFERÊNCIAS

- [01] Ginger S, Ginger A. Gestalt: uma terapia do contato. São Paulo: Summus, 1995.
- [02] Koffka K. Princípios de psicologia da Gestalt. São Paulo: Cultrix, 1975.
- [03] Ribeiro JP. Conceito de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia: revistando o caminho. São Paulo: Summus, 2011.
- [04] Ziles U. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v13n2/v13n2a05.pdf>. Acesso em: 31/05/2016
- [05] Abbagnano N. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- [06] Davidoff LL. Introdução à psicologia. 3 ed. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001.
- [07] Ribeiro JP. Gestalt-terapia: refazendo um caminho. São Paulo: Summus, 1985.
- [08] Perls F. A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- [09] D'Acri, et al. Dicionário de Gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 2012.
- [10] Capra F. O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix, 1982.
- [11] Sauri JJ. A construção do conceito de neurose (II): nosologia e neurose. São Paulo: Revista Latina Americana de Psicopatologia Fundamental. (2005). Disponível em: <http://www.redalyc.org/comocitar.oi?id=233017503007>. Acesso em: 23/08/2016.
- [12] Pereira MEC. Cullen e a introdução do termo "neurose" na medicina. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142010000100009. Acesso em: 31/05/2016.
- [13] Zimerman DE. Fundamentos psicanalíticos. Porto Alegre: Artimed, 1999.
- [14] Miranda WB. Saúde e Doença em Gestalt-terapia. (2003). Disponível em: <http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2864/2/9908156.pdf>. Acesso em: 24/03/2016.
- [15] Perls F. Gestalt-terapia explicada. São Paulo: Summus, 1977.
- [16] Frazão LM., Fukumstu K. O Gestalt-terapia: conceitos fundamentais. São Paulo: Summus, 2014.
- [17] Gil AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Editora Atlas S.A, ed. 6, 2008.